

A RABECA

Periodico caricato, satyrico e illustrado

Propriedade de Machado Ferreira & Rocha

Escriptorio rua da Alfandega n. 89 2º andar

Assignaturas

Para o Exterior 40000 reis mensais para as províncias 3000 reis mensais



— Mylord,—você não quis ajudar, agora parece-me que você não está muito satisfeito com a politica aqui do papão.

— Oh ! no force, mim estar tranquille !

— Então não lhe espanta a sofrerida com que elle se prepara ?

— Oh ! não mylady. Mim fuma. está passeia ainda, e quando non tem mais terra, mim vai faze uma passeia no mar, e o mar está de mim goddam !

A RABECA

Rio, 17 de Dezembro de 1870.

Aguardavão-se com toda a anciedade notícias da Europa, porque contavão-se com grandes acontecimentos.

A espectativa publica soffre o logro.

Pariz continua em cerco, e informações mais ou menos minuciosas assegurão-nos que a capital da França ainda tem elementos de vida para longo tempo.

A rendição pela fome, esperada pelo governo prussiano, não se effectuará tão cedo. O ataque de Pariz pelas forças sitiantes parece que também não se effectuará tão brevemente como se julga.

Entretanto, a Russia apparentemente chega a um acordo com o gabinete de S. James, relativamente à questão do Oriente.

Entretanto, Bismark, para distrahir-se um pouco da guerra franceza que tanto o tem preoccupado, envia ao governo de Victor Emmanuel uma nota que talvez não seja *sans arrière pensée*, mas que apparentemente é uma simples recordação da paz de 1861.

Entretanto (é pela ultima vez, leitor!) o ex-imperador dos franceses entretem-se em torcer os bigodes, e em publicar um opusculo, em que, sob um nome suposto, pretende justificar o seu governo merecidamente accusado dos tristes resultados d'esta guerra desastrosa.

A *Rabeca* recebeu hontem um telegramma d'este theor:

— Jules Favre escreve em papel de seda a refutação do pamphleto imperial, e como pretende manda-la aos quatro cantos do mundo, já escolheu para esse fim as quatro mais robustas pombas de Pariz! —

Pedimos ao leitor que guarde segredo sobre este telegramma.

Queira o leitor ter a bondade de saltar connosco por sobre o Atlântico, e de cahir, enxuto e sem contusão, n'esta boa terra brazileira.

Aqui as cousas tambem não vão muito boas. Cousas insignificantissimas determinão grandes acontecimentos.

Por exemplo:

Vai á scena um drama, intitulado — *União Iberica*.

Partidos se formão ardentes, discussões se travão calorosas entre os Portuguezes residentes n'este bom Rio de Janeiro.

Um mais exaltado lavra um decreto, com os competentes artigos, publica-o, e provavelmente remette-lo-ha ao bispo de Vizeu, em cuja integridade confia... *et pour cause*.

Sentimos profundamente ter esquecido o nome d'este Catão.

Terminando o curso da eschola de medicina, têm por costume os doutorandos mandar celebrar uma missa solemne, a que assistem no dia em que recebem o gráo.

Esta praxe ainda foi observada este anno, e quinta-feira passada teve lugar na igreja de S. Francisco de Paula, orando ao pulpito o rev. João Manoel.

Actos d'estes devem ser louvados e divulgados, muito principalmente em uma época em que o espirito supersticioso do povo é causa de tantos factos lamentaveis.

Por fallar em superstição, lembrei-me de Juca Rosa.

Foi involuntariamente, leitor.

Mas já que toquei em tal assumpto, não posso deixar de fazer uma observação.

Todos forão testemunhas do empenho que manifestou o *Diario de Notícias* em elucidar o publico nas trevas d'esta questão de bruxaria.

Todos, portanto, devem, como eu, ter extra-nhado o subito silencio d'esta folha a tal res-peito.

Estará *enfeiticada*?

Quem sabe?

O Guarany

Occupando-nos hoje dessa opera cumprimos um dever imposto pela consciencia, e satisfa-zemos um compromisso contrahido com aquel-les que hoje nos dispensão a sua attenção.

Muito minuciosamente já tem tratado diver-sos jornaes da composição brilhante do maes-tro brazileiro, e seria pelo menos ociosa a nossa apreciação, se não estivesssemos convencidos de que escrevendo o que pensamos de ne-nhuma forma mareamos o brilho da aureóla que cinge a fronte do inspirado autor do Guarany.

Divide-se esta partitura em quatro actos de uma musica, ora apaixonada e rapida, ora suave e terna, que faz-nos n'alma succeder-se aos transportes violentos o encantamento de um extasis de ineffavel doçura.

Estas emoções que experimentão-se succe-sivamente, e com uma rapidez impossivel de apreciar, conservão a attenção do espectador constantemente preza, enquanto que os senti-mentos que vae despertando n'alma aquella harmonia constante e tão bem sustentada transbordão do coração nas manifestações ex-plendidias de entusiasta e merecida admira-ção.

Se isto é pouco para provar o merecimento de um trabalho, se esses affectos que surgem involuntariamente, e que nos arrâncão estrepi-tosos aplausos nada significão aos olhos dos pessimistas, se as vozes do coração e da alma não chegão aos ouvidos dos mal intencionados, crêmos que a opera Guarany pôde ser sujeita

a uma analyse fria e rigorosa, sem que a repu-tação de que já goza o seu autor fique com isso prejudicada.

E' claro que ella não pertence exclusiva-mente á nenhuma das escolas mais acredi-tadas.

Não é musica de Meyerbeer, nem de Verdi.

O estudo dos mestres fez comprehendér ao nosso illustre compatriota que para conciliar a diversidade dos gostos era preciso conciliar as duas escolas.

E foi o que fez.

A sua primeira producção não está isenta de defeitos, não é um trabalho perfeito, mas pôde-se e deve-se saudar com entusiasmo um talento cujas premicias são tão brilhantes.

Effectivamente, bella em seu todo, no con-juncto harmonioso de suas partes, a opera apre-senta separadamente trechos de subido mere-cimento musical.

E'-nos impossivel mencionar aqui todos.

Seja-nos, contudo, licito citar o canto de *Ave Maria*, o côro dos aventureiros, o dueto da despedida, e aquella canção de Gonçalo, que merece sempre as honras de repetição, e que distráe a attenção do auditorio com os encan-tos de uma musica imitada da hespanhola.

Não é licito fechar a enumeração imperfeita das bellezas do Guarany, sem fallar, ou men-cionar pelo menos, o bailado do terceiro acto, que prima pela originalidade da musica, e em que mais de uma vez a feliz combinação de sons illude o ouvido do espectador, que sup-põe ter percebido o silvo de uma setta sen-dendo os ares...

Foi para victoriar o talentoso autor de tão apreciavel composição, que uma commissão, expressamente organisada, envidou na noite do seu beneficio todos os esforços para que a festa, essencialmente brazileira, fosse condigna do illustre maestro.



CONSEQUENCIAS DA ESCURIDÃO

A's 8 1/4 DA NOITE.

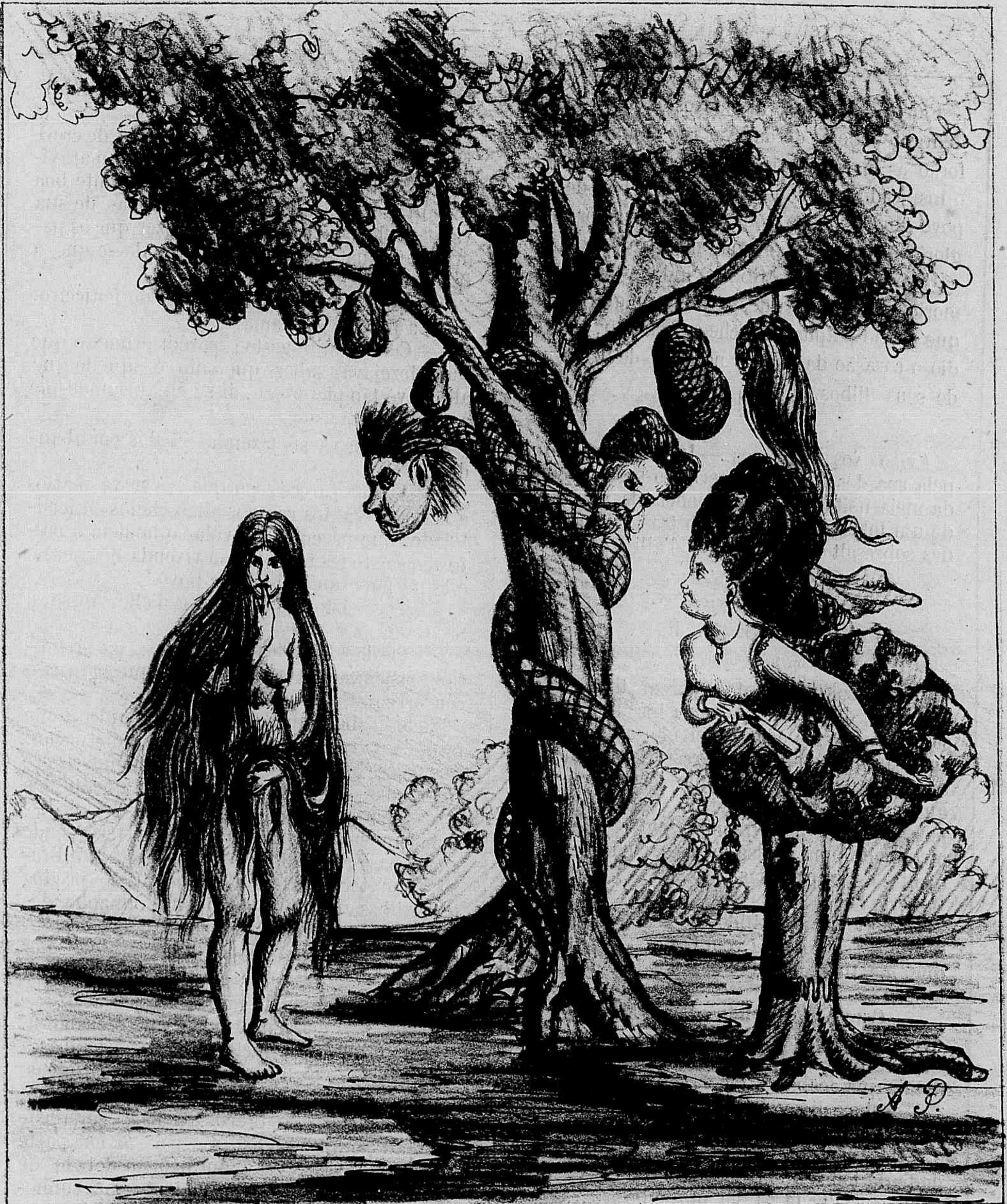
Rompe-se um vestido, vaza-se um olho, quebrão-se duas preciosas caras, apesar da presença de um lampeão... sem luz.
— Desastres imprevistos pela camara municipal!



Hi! hi!... hi!... mandei me juro levar ao feiticeiro se eu vendesse mais o papé de dous vintens, e ainda em cima me deu uma duzia de boios.

— Eu... eu... eu fui... fui lá na praia... e me roubaram as calças.

— Já lhe disse que este é o verdadeiro Alto-Douro, e ninguem o pode vender igual.
— O teu é falsificado, o verdadeiro é o meu.
— E'...
— Não é...
— E p'ra que vamos chamar o Barreto Bastos.



HONTEM E HOJE

No anno um deste mundo
Casta Eva meditava
Nos fructos da boa arvore
Em que Adão a namorava.

No seculo, porém, das luzes
A mulher sem mais pensar
Vai ella mesma na arvore
Q fructozinho apanhar

Flôres, passaros, aplausos e entusiasmo delirante, alem de dadivas de grande valor, forão as manifestações do merecido apreço que o inspirado cantor do Guarany recebeu de um povo que frenetico applaudia a sua propria gloria na pessoa do grande maestro.

Guarda A. Carlos Gomes indelevel na memoria a lembrança dessa noite de gloria, em que sentio palpitar, conchegado ao seu, o grandioso coração da patria no seio de cada um de seus filhos.

J.

Aviso aos MEDROSOS. — Informão-nos que pela rua dos Ourives é perigoso passar depois da meia noite, em consequencia da apparição de um lobishomem, que tem trasido em grandes sobresaltos um morador d'alli.

O Feiticeiro.

ROMANCETE POR X. P. T. O.

(Continuação do n.º 10)

Dormi soffrivelmente, porém tive sonhos horriveis, devido isso talvez a incommoda posição em que me achava deitado, ou tambem a agitação do meu espirito a respeito dos sucessos do dia. Fosse pelo que fosse, o certo é que extorcia-me e gritava, fazendo esforços para levantar-me, quando senti pezar sobre meu peito uma grossa mão, e ouvi distinctamente estas palavras: — Está sonhando, Sr. Roberto?

Disperlei, e tomndo-lhe a mão, ergui-me e subi de companhia com Cesar (pois era elle que me tinha acordado), e nos assentamos na tolda.

— Como está pallido! Sente algum incommodo, Sr. Roberto?

— Supponho que será effeito de um pesadelo, que acabo de ter.

— Sim, disse elle, e com quem sonhava?

— Com um feiticeiro....

Esta resposta inesperada suscitou a hilidade de todos que desfecharam n'uma estrondosa gargalhada. Com um feiticeiro! repetiram elles, e o senhor se incommoda com sonhos de feiticeiros? Aposto que crê em feiti-

ços? Disse um passageiro, com cara de mali-cioso, por nome Gama.

— Oh! se creio, e porque não hei de crer, quando vejo tantas cousas no mundo maravilhosas, feitas por feiticeiros, e tanta gente boa consultal-os em muitas circumstancias de sua vida? E demais, ouço por ahi dizer que os padres confirmam esta crença, dizendo-se que a Igreja reza contra feitiços.

— Ora, conte-nos este sonho do feiticeiro, disse a final o Sr. Gama.

— Com muito gosto; porém primeiro que tudo dezejava saber que sitio é aquelle que alli se vê tão pictoresco, disse eu, dirigindo-me á mestre Cezar.

— Alli ha varias fazendas, todas em abandono.

— Assim parece; porque só se vê mattos e hervas. Tantos campos aliás cheios de fertilitade, que parecem convidar o homem á cultival-os, e todos reduzidos á vivenda de cobras, e tanta fome no meio deste povo!

— Tudo isto pela preguiça d'elle, disse o Sr. Gama.

— Perdão. Não é só por causa da preguiça; existem ainda outras causas que para isso concorrem.

Todos sabem que a laboura é a unica fonte fecunda da riqueza e felicidade de uma nação. Nos paizes onde ella é cultivada, reinou sempre a abundancia, a paz, e o contentamento dos povos, porque onde a laboura prospera, florescem tambem o commercio e a industria, sendo ella a base em que elles se assentam. No Brazil, cujo terreno é fertil, onde tudo produz maravilhosamente, e com pouco amanho das terras, ella porém é desgraçadamente despre-sada. Parece que o máo fado persegue aos brazileiros.

Vejamos porém as causas do seu atrazo, e se poderemos descobrir os meios de remedial-a. Quanto á mim as principaes são as seguintes: A escravidão, o clima abrasador, as formigas, ou preconceitos do povo, a incuria do governo, e o monopolio. Os braços até hoje empregados na laboura do Brazil são pela maior parte escravos. O escravo é um homem dotado de intelligencia curta, mas sufficiente para conhecer a oppressão em que vive, e destinguir o seu oppressor. Ora, possuindo elle tambem um

coração como outro qualquer dotado de mais ou menos sensibilidade, naturalmente odeia aquelle que o opprime, assim como ama a quem lhe faz bem.

Além disso elle tem recordações dolorosas, e ambições; é susceptivel de paixões perigozas, como a vingança e outras, e dá-se aos vicios. Por pouco que pense, discorre quanto é bastante para saber que elle trabalha, e outro tem o proveito; que em compensação de seus arduos serviços, de suas privações, e vigilias, cabe-lhe apenas um pouco de farinha, e um pedaço de carne má, e a nudez do seu corpo a par de um tractamento quasi sempre barbaro. Privado de procurar o seu melhoramento, relucta constantemente no seu captiveiro com mil ideias encontradas, mais ou menos sinistras, por isso que elle conhece um bem, a que não pôde attingir, assim como o principio que o obriga a ficar estacionario.

Victima pois de uma desgraça que não pôde evitar, baldo de recursos para fugir ao rigor da sorte que o opprime, longe da patria, dos parentes e amigos, provando todos os dias o calix amargo da injustiça a mais manifesta, e do desprezo mais declarado; em uma palavra, sentindo que vive como authomato no meio de um povo, que não é o seu, e que o coloca entre o trabalho e o chicote, elle acha-se (com razão) indefferente a tudo que o cerca, e até a propria vida. D'ahi vem a inclinação á inercia, e á bebedeira, e outras vezes (conforme o temperamento) ao desejo de fazer mal, e á vingança chegando ao ponto do suicidio, que é para elles tambem muitas vezes uma vingança indirecta, ou como quer que seja, um termo ao seu viver. Poder-se-ha ainda accrescentar que tem uma religião supersticiosa, cujas crenças erroneas e absurdas lhes dão na morte a esperança de tornar a ver o seu paiz natal.

Dizei pois á este homem selvagem e infeliz, que se apure em trabalhar com vantagem do seu dono, que melhore o processo do trabalho, e as terras por meio dos estrumes; mostrai-lhe enfim como elle deve fazer, para que haja constantemente colheita, e esta seja abundante; e o achareis sempre indifferente. Vós o castigares, e por esse meio consiguireis algum esforço no trabalho material; mas ahi fica tudo. Sabeis porque? (Continua.)

Rebecadas theatraes.

LYRICO FLUMINENSE.—Continúa a ser cantada n'este theatro com grande applauso a opera —Guarany—, sobre que dizemos algumas palavras n'un artigo inserto n'este numero:

S. LUIZ.—O drama *União Iberica* entretem ainda a attenção dos frequentadores d'este theatro.

S. PEDRO.—Continúa em scena o drama *Brazileiros e Portuguezes*.

PHENIX DRAMATICA.—A direcção interrompeu os spectaculos por esta semana, afim de cuidar seriamente dos preparativos do *Orpheo na cidade*.

ALCAZAR.—Voltou á scena a interessante opera de J. Offenbach, intitulada *Les Bavaros*, que em outros tempos tanta aceitação mereceu do publico.

Melle Rose Marie no papel de Rolando granjeou sinceros applausos, correspondendo á expectativa geral.

Na exhibição das respectivas partes os demais artistas fizerão o possivel para agradar a uma platéa exigente, porque ainda conserva bem viva a saudosa lembrança da primitiva execução d'esta opera.

Cremos que com a continuaçao os defeitos mais salientes desaparecerão, e *Les Bavaros* em breve será regularmente cantado pela actual companhia.

J.

Variação

N'UMA SÓ CORDA.

Dialogo estupido entre criados :

— E's feliz com a tua nova profissão ?

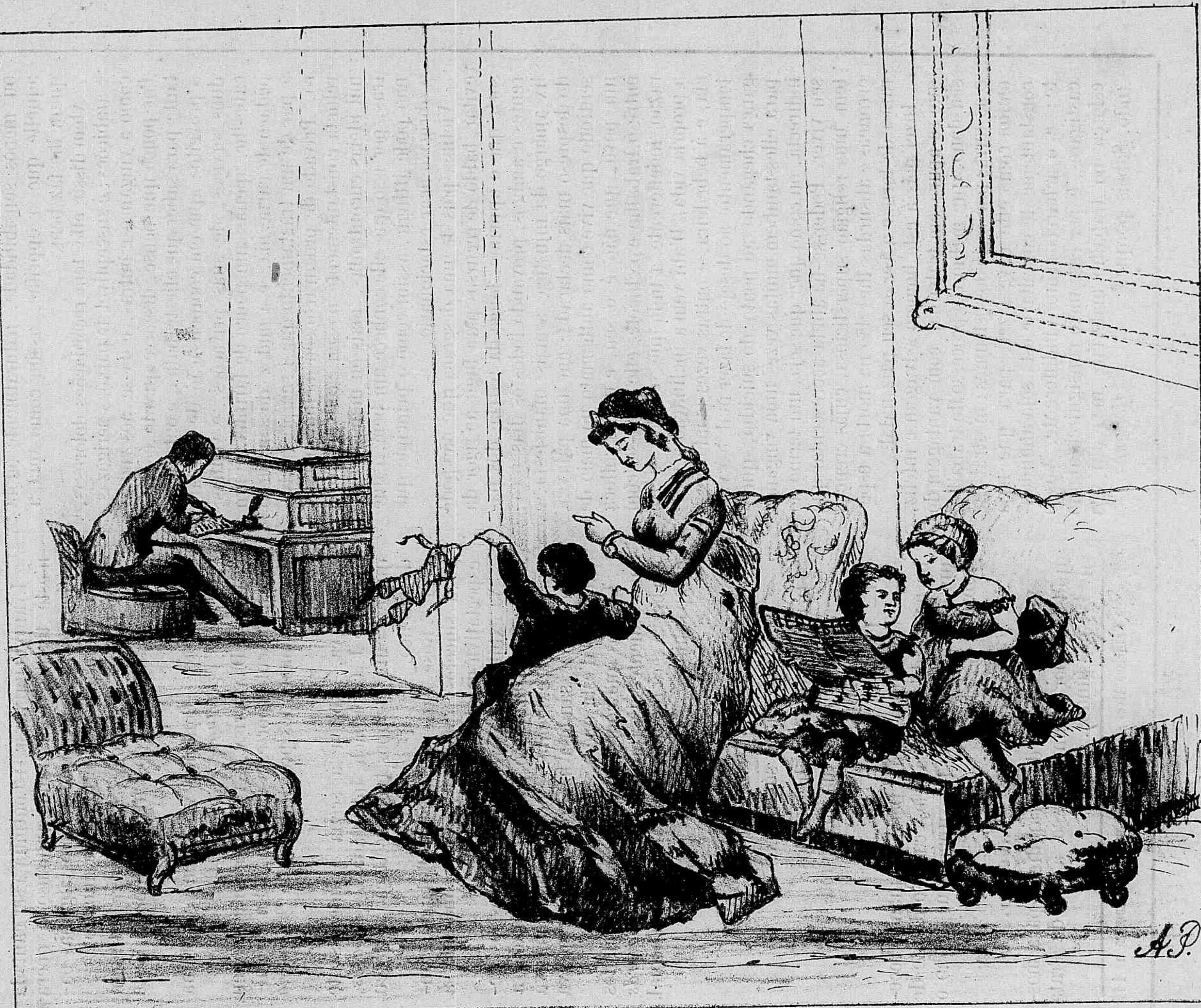
— Muito feliz.

— Pagão-te bem ?

— Oh ! muito bem. Demais, quando recebo no fim do mez o salario, conto-o diante de um espelho : isto me faz suppôr que ganho o dobro.

Annuncio gratuito.

Vende-se peças de serapilheira para mosquiteiros por diminuto preço, á rua da Prata n. 45, nos fundos.



— Mamãi, porque é que papai leva todo o dia a escrever.
— Cala-te, Alfredo, e brinca com o teu boneco.
— Mas para que é tanta carta mamãi?
— É para arranjar uma cozaquinha amarella e um soldadinho azul para a porta da rua.